

SOBRE A NEGAÇÃO EM XAVANTE: IMARE NA

Wellington Pedrosa Quintino¹

Período de recebimento dos textos: 15/01/2015 a 01/05/2015.

Data de aceite: 29/05/2015.

Resumo: Xavante, uma língua da família Jê Central, possui um morfema com dois alomorfes, empregados na negação sentencial, ou seja, realizados na oração e de escopo amplo: os sufixos *õ* e *tõ*. Há também uma palavra negativa *maredi*, ou *mazedi* na fala feminina, que ocorre sozinha em respostas do tipo sim ou não. O sufixo *õ* pode ocorrer posposto ao nome, ao verbo e ao adjetivo, e seu uso mais comum é com o cópula estativo (EST), sendo que seu alofone *tõ* sempre ocorre sozinho. O objetivo deste trabalho é descrever a distribuição desses morfemas através dos quais a negação se realiza e discutir o estatuto categorial desses e de outros elementos de negação nessa língua.

Palavras-chave: Negação; línguas jê; xavante.

Abstract: Xavante, a language from Central Jê family, has a morpheme with two allomorphs, employed in the sentential negation, i.e. carried out in a sentence and having broad scope: the suffixes *õ* and *tõ*. There is also a negative word *maredi*, or *mazedi* in female speech, which occurs in responses of the type *yes* or *no*. The suffix *õ* may occur after the noun, verb and adjective, and its most common use is with the copula estative (EST), and its allophone *tõ*, always occurs alone. The aim of this paper is to describe the distribution of these morphemes through which the negation takes place and discuss the categorial status of these and other elements of negation in that language.

¹ Doutor e Professor da área de Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso. E-mail xav@terra.com.br

Abrindo um diálogo

Xavante, uma língua da família Jê Central, possui um morfema com dois alomorfes, empregados na negação sentencial, ou seja, realizados na oração e de escopo amplo: os sufixos *õ* e *tõ*. Há também uma palavra negativa *maredi*, ou *mazedi* na fala feminina, que ocorre sozinha em respostas do tipo sim ou não. O sufixo *õ* pode ocorrer posposto ao nome, ao verbo e ao adjetivo, e seu uso mais comum é com o cópula estativo (EST), sendo que seu alofone *tõ* sempre ocorre sozinho. Dito isto, o objetivo deste artigo é descrever a distribuição desses morfemas através dos quais a negação se realiza e discutir o estatuto categorial desses e de outros elementos de negação nessa língua.

Percurso histórico sobre o povo Xavante

As primeiras notícias que se tem dos Xavante estão em documentos coloniais e datam do final do Séc. XVIII. Os Xavante estavam localizados no Brasil Central, ao nordeste de Goiás, o que é hoje o atual estado do Tocantins (Silva, 1998:362/ Maybury Lewis, 1974:I). O termo Xavante era usado por não-índios para designar não apenas os Xavante, mas todos os indígenas do Brasil Central, independentemente de suas etnias. A origem desse nome, conforme Maybury Lewis 1974:2 e Nimuendajú 1942:3-4, é desconhecida. Embora se apresentem como Xavante para os não-índios, *A`uwê*, é como eles se autodenominam e também significa povo, gente. Essa forma de autodenominação parece ser comum em outras etnias também. Sabemos que a família Jê central se situava originalmente em Minas Gerais, onde estão os Xacriabá, e foram se deslocando posteriormente para Goiás, onde estão os Xerente, e mais recentemente para o Mato Grosso, onde se encontram os Xavante hoje. Existe um mito Xavante chamado *Wahirada* que relata a separação entre o que eles acreditavam ser um povo único (Xavante e

Xerente) e datam essa divisão entre os grupos do período em que cruzaram o Rio Araguaia. Segundo Maybury Lewis (op.cit.), essa separação ocorreu ainda na primeira metade do século XIX, por volta de 1840. Ravagnani (1978:132), entretanto, afirma que essa separação ocorreu mesmo antes do período chamado de *Entradas e Bandeiras*, período que marca a marcha dos bandeirantes de São Paulo para o centro-oeste do país, não tendo este influenciado nessa separação. Silva (1995:364) traz informações mais detalhadas. A respeito do grupo que cruzou o rio Araguaia, em direção ao Mato Grosso, os Xavante, Ravagnani (op.cit) os descreve como um grupo de facções que se uniu momentaneamente para aumentar as chances de conquista do novo território. Instalaram-se, inicialmente, na região do Rio das Mortes, Serra do Roncador. Após uma série de cisões internas ao grupo e conflitos externos com os Bororo, os Karajá e não-índios, os Xavante fundam a grande Aldeia *Sõrepré*, de onde mais tarde, segundo a versão do líder Xavante *Warodi* (in Graham 1995:31), dividiram-se em três grupos. Um grupo moveu-se para o norte e oeste, em direção ao Rio Suiá Missu, um outro para o oeste em direção à cabeceira do Rio Couto Magalhães, onde fundaram a aldeia *Parabubure*. Um terceiro grupo permaneceu na Área da antiga Aldeia *Sõrepré*, onde fundaram a Aldeia Pimentel Barbosa, *Etêñiritipa* e ocupa ainda hoje com grande orgulho, segundo relato de suas lideranças, a mesma área de seus ancestrais e local onde os dados apresentados nesse trabalho foram coletados.

Na literatura antropológica, os Xavante são conhecidos principalmente por sua organização social de tipo dualista, ou seja, trata-se de uma sociedade em que a vida e o pensamento de seus membros estão constantemente permeados por um princípio dualista, que organiza sua

percepção do mundo, da natureza, da sociedade e do próprio cosmos como estando permanentemente divididos em metades opostas e complementares.

A língua nativa dos Xavante

Segundo Rodrigues (1986), o Xavante em Mato Grosso assim como o Xerente em Goiás e o Xacrianó (não mais falado) em Minas Gerais, são povos do grupo Akuen, falantes de línguas pertencentes à família Jê do tronco lingüístico Macro-Jê. Xavante e Xerente constituem o ramo central dessa família lingüística. Conforme D'Angelis (Tese de Doutorado p. (24) com base em Rodrigues (1986:56) e Teixeira (1995:302), as línguas e subfamílias Jê que constituem o tronco lingüístico Macro- Jê são relacionadas como segue:

Famílias do Tronco Macro-Jê

<i>Família Bororo</i>	<i>(Bororo, Umutina)</i>
<i>Família Botocudo</i>	<i>(Krenák, Nakrehé)</i>
<i>Família Karajá</i>	<i>(Javaé, Karajá, Xanbioá)</i>
<i>Família Maxakalí</i>	<i>(Maxakalí, Pataxó, Pataxó Ha)ha)ha)e)</i>
<i>Família Jê</i>	<i>(Ver quadro abaixo)</i>
<i>Outras línguas:</i>	<i>(Guató, Ofayé, Rikbáktsa, Yatê (Fulniô))</i>

Línguas da Família Jê Central

Akwén (Akwe))

Xakriabá	(Xikriabá)
Xavante	(A'uwe))
Xerente	(Akwe))

Línguas da Família Gê Setentrional

Apinayé

Mebengokre

Kayapó

Xikri)

(Xikrín)

Suyá

Suyá

Tapayúna

Timbira

Apãnijekra (Canela)

Ramkōkamekra (Canela)

Krahô

Krikati

Kreje

Parkateje (Gavião do Pará)

Pykobié (Gavião do Maranhão)

Paraná

Línguas da Família Gê Meridional

Xokleng

Kaingang

A negação em Xavante

Conforme Christensen (2005:36), todos os sistemas humanos de comunicação contêm uma representação de negação. Nenhum (outro) sistema de comunicação animal inclui elocuições negativas e, conseqüentemente, nenhum possui meios para atribuir valor de verdade, para mentir, para ironizar ou para satisfazer, adequar-se a declarações falsas ou contraditórias. O que pretendemos nesse trabalho é descrever como é representada, em

Xavante, a expressão da negação e como são categorizados os morfemas que indicam negação nessa língua.

Segundo Lachnitt (1999:84), em Xavante, para se negar, a ação do verbo expressa positivamente precisa tomar sua forma nominal, ou seja, de infinitivo pessoal, à qual se acrescenta *õ di* (não é) ... à forma imperativa se acrescenta *tõ* (não). Como mencionado anteriormente, a língua Xavante possui, portanto, um morfema com dois alomorfes empregados na negação, *õ* e *tõ*. Há ainda, em nossos dados, uma palavra negativa *mare di* que varia com *maze di* na fala feminina, as quais ocorrem sozinhas em respostas do tipo *sim* ou *não*, e equivale a *não* ou *não é*. De acordo com Oliveira (2007:236), em Xavante, a negação é um núcleo funcional que tem escopo sobre a oração inteira. A negação sentencial em Xavante possui uma forma complexa única, *õ di*, sendo que o morfema de negação *õ* deve vir sempre acompanhado do estativo *di*, ou seja, a construção teria uma estrutura semelhante a “é o não acontecer disto”.

Em nossos dados, em construções pronominais relativas, observamos que, tanto os nomes quanto os adjetivos recebem a mesma marca do morfema *õ* como ocorre com os verbos. O sufixo *õ* ocorre posposto ao nome, seguido do estativo, como em (1b) abaixo. No entanto, quando sufixado ao verbo, ele pode ocorrer sozinho, sem o cópula estativo (EST), como em (2b). Quando sufixado ao adjetivo, como em (3b), o morfema estativo *di*, deve seguir o morfema de negação *õ* obrigatoriamente.

1) (a) *Õhã i² -mama³*.

² Todas as formas de parentesco em Xavante recebem a marca do relacional *i*, prefixada ao nome, de forma que (hipótese) esses nomes são re-categorizados como adjetivos, conforme Quintino (2008). Embora não esteja marcado com o diacrítico que indique nasalidade, o prefixo relacional se materializa foneticamente como *i*, vogal anterior alta nasal.

³ Adotaremos para a exposição dos dados a grafia de orientação fonológica, proposta inicialmente por este linguista e usada na terra indígena Pimentel Barbosa atualmente.

3SG REL-pai⁴

Ele é pai.

(b) *Õhã i -mama-`õ -di.*

3SG REL-pai -NEG -EST

Ele não é pai.

2) (a) *Õhã i-sõtõ / Õhã sõtõ di.*

2SG REL-dormir 2SG dormir EST

Ele dorme

Ele está dormindo.

(b) *Õhã i-sõtõ -`õ / Õhã sõtõ -õ -di.*

2SG REL-dormir - NEG 2SG dormir -NEG -EST

Ele não é dorminhoco

Ele não está dormindo.

3) (a) *Hõ - di.*

frio - EST

Está frio.

(b) *Hõ -`õ -di.*

frio - NEG -EST

Não está frio.

Em (4) o morfema *õ* foi sufixado ao adjetivo para marcar uma oposição a *madura, não vermelha*. Em (5) *õ* modifica o verbo quebrar, *não quebrada, não ralada*, e em (6) o verbo afiar, *não afiada*. Em todos esses casos, seu uso é com o cópula estativo (EST), ou seja, *õdi* (não é / não está).

4) *Õhã rómrã hã zahadu pré -`õ -di.*

DEM fruta ENF esperar vermelha - NEG -EST

⁴ A decodificação das abreviaturas utilizadas nas glosas se encontram listadas na página 10.

Esta fruta não está madura ainda.

5) *Tahã upa hã zahadu wa`ri -`õ -di.*

DEM mandioca ENF esperar quebrar - NEG -EST

Aquela mandioca não está ralada ainda.

6) *Sib`ézé hã zahadu wa -`õ -di.*

faca ENF esperar afiar - NEG -EST

A faca não está afiada ainda.

7) *Suprétaprã hã ãné höïmanã-`õ - di.*

Nome ENF Adv presente - NEG -EST

Suprétaprã não está mais aqui.

No dado (8) o escopo da negação parece cobrir apenas o nome ao qual ele está sufixado, `ra (filho). Poderíamos assumir como outra tradução para (8), *Cariri não tem a qualidade de ser mãe, ela é desprovida de filho, ela não é “enfilha”*. Da mesma forma ocorre em (10) e (11). Nesses casos parece haver uma relação de posse envolvida, sendo que em (10) há um possessivo expresso na sentença, *õhõ* (dele/dela) e em (9) a posse ou pertencimento é estabelecida pelo prefixo relacional. No entanto, no dado (9) um fato curioso ocorre. A princípio o uso do relacional (REL) prefixado ao nome dispensaria o uso do estativo (EST), o uso das duas formas resultaria, nesse caso, em agramaticalidade para o falante nativo. Porém, os nomes que indicam parentescos, parecem ser recategorizados em Xavante como adjetivos, posto que recebem a marca do relacional, e parecem admitir as duas formas, ou seja, o uso do morfema de negação com ou sem o estativo, como veremos mais a frente, dado (31). O escopo da negação parece cobrir, nesse caso (9), tanto o ‘adjetivo’ ao qual ele está sufixado, quanto o núcleo

do SN, *Ródó*. Uma paráfrase possível para (9) seria *Rodo não tem a característica de ser filho*.

8) *Cariri hã `ra -`õ -di*.

Nome ENF filho -NEG -EST

Cariri não tem filho.

9) *Ródó hã i `ra -`õ -di*.

Nome ENF REL filho -NEG -EST

Ródó não é filho (dela).

10) *Õhã õhõ `ra -`õ -di*.

DEM POSS filho -NEG -EST

Aquele não é filho (dele/dela).

11) *Ãhã ti hã Baroti hi te -`õ -di*.

DEM arco ENF nome ter -NEG -EST

Este arco não é do Baroti.

Nos dados (12) a (17), o morfema *õ* ocorre com formas verbais finitas nas quais marcas de concordância verbal, como os afixos subjetivos são licenciados. Conforme Oliveira (op. cit.:238) *o morfema te aparece somente em orações transitivas negativas*, sendo que este funciona como verbo auxiliar e *parece funcionar como marca default do tempo*, como podemos observar nos dados (13) e (14).

12) *Tahã a -tei -`õ -di*.

DEM 2SG -possuir -NEG -EST

Isto não é sua propriedade.

13) *Aibö te te madö`ö -`õ -di*.

Homem 3SG pres/pass ver -NEG -EST

O homem não o viu.

14) *Watébrémi te te waibui-`õ - di.*

Menino 3SG pres/pass pegar -NEG -EST

O menino não o pegou.

15) *Õhã si`hõ`-õ - di.*

3SG rir -NEG -EST

Ele não está rindo.

16) *Ni`wahã te tsamari `õ di.*

ninguém 3SG perseguir NEG EST

Ninguém o persegue.

No dado (17), observamos que o uso do estativo é obrigatório, de forma que, outra tradução possível para esse dado, além de ‘eu não sei’ poderia ser também ‘eu não sou sabedor’, considerando aqui que a forma nominalizada é a forma *default* para a expressão da negação em Xavante.

17) (a) *Wahã wa waihu`u (a) Wahã wa waihu -`õ - di.*

1SG saber 1SG saber - NEG -

EST

Eu sei

Eu não sei.

(b) *Ahã te iwahu (b) Ahã te iwaihu -`õ - di.*

2SG saber 2SG saber - NEG -

EST

Você sabe

Você não sabe.

(c) *Õhã te waihu`u (c) Õhã te waihu -`õ - di.*

3SG	saber	3SG	saber	- NEG -EST
	Ele sabe		Ele não sabe.	

Em construções imperativas, como nos dados (18) a (21), o morfema de negação é *tõ*. Nesse caso, o sufixo não ocorre com o estativo sendo o verbo principal seu único escopo. A inserção desse morfema de negação parece desencadear diferentes processos morfossintáticos na língua. O dado (18b) parece omitir a última sílaba do verbo, já no dado (19b) se observa apenas o acréscimo do morfema *tõ*. No dado (20b), em um contexto onde se supunha (20a), *mate a cobra*, o morfema por si só, parece carregar o sentido de não matar, posto que todo o verbo foi omitido.

18) (a) A *sana*.

2SG comer

Coma!

(b) A *sa - tõ*.

2SGcomer -NEG

Não coma!

19) (a) A *sõtõ*.

2SG dormir

Durma!

(b) A *sõtõ - tõ*.

2SG dormir -NEG

Não durma!

20)(a) *Wahi wi`wi*.

Cobra matar

Mate a cobra!

(b) *Wari -tõ.*

Cobra -NEG

Não mate a cobra!

21) (a) *Tó romhuri.*

vamos trabalhar

Vamos trabalhar!

(b) *Romhuri -tõ.*

trabalhar -NEG

Não trabalhe!

Para Oliveira (op. cit.) as orações intransitivas negativas são caracterizadas pela ausência dos verbos auxiliares [...] o verbo auxiliar determina a sintaxe do verbo principal. Em nossos dados, com verbos intransitivos, o morfema *õ* ocorre com o estativo quando houver um complemento, como em (24), quando não houver ele ocorre sozinho, como em (23).

22) *Õhã isõtõ réhã.*

3SG dormir sempre

Ele dorme sempre.

23) *Õhã isõtõ `õ.*

3SG dormir NEG

Ele não dorme.

24) *Õhã isõtõ `õ di ãhãnahã.*

3SG dormir NEG EST hoje

Ele não dorme nunca.

Com verbos transitivos diretos, nos dados (25) e (26), *õ* é sufixado ao verbo e tem seu escopo sobre o próprio verbo *te wiri* (matar bicho) e *te pari* (matar gente, assassinar). No dado (27) a palavra negativa *maredi* é tomada como complemento do verbo *ti`nhã* (falar), logo a tradução mais literal é *ele diz não* ao invés de *ele não diz*. Como já mencionado anteriormente *maredi* é usado sozinho em respostas do tipo sim ou não.

25) *Õhã sire te wiri õ -di.*

3SG pássaro 3SG matar NEG -EST

Ele não mata passarinho.

26) *Õhã a`uwe te pari õ - di.*

3SG gente 3SG matar NEG -EST

Ele não mata gente.

27) (a) *Õhã te ti`nhã mare -di.* (b) *Õhã maré-di.*

3SG 3SG dizer NEG -EST 3SG NEG -EST

Ele diz não.

Ele não / não é ele.

Nos dados (28) a (30), o morfema de negação *õ* apresenta-se sufixado a um adjetivo prototípico, esse leva a marca do morfema relacional *i*, anteposto ao nome. Nesse caso o cópula estativo é omitido. O prefixo relacional (REL) é traduzido aqui por *aquilo/aquele que é*.

28) *I -pré - õ.*

REL – vermelho - NEG

Aquilo que não é vermelho.

29) *I -we - õ.*

REL – bom - NEG

Aquilo que não é bom.

30) *I -mama – ã.*

REL - pai - NEG

Aquele que não tem pai. (que é orfão)

No dado (31) observamos que a marca do relacional (REL) dispensou o uso do estativo, tanto na frase afirmativa quanto na negativa. Embora encontremos evidências contrárias em outros dados (1b) e (9). Como já foi dito, o uso das duas formas, simultaneamente, ou seja, *REL__EST, diferente de (1b) e (9), é considerado pelo falante nativo como agramatical. A princípio, as duas formas se equivalem semanticamente e têm uma mesma frequência de uso na língua. A escolha de uma forma ou de outra, pelo falante, parece-nos estar relacionada a questões de ênfase.

31) (a) *I -se ou Se -ti. mas *I -se -ti.*

REL -gostoso gostoso –EST REL - gostoso -EST

É gostoso / saboroso.

(b) *I -se -ã ou Se -ã -di ou se -ã -re -di mas *I -se -ã -di.*

REL -gostoso -NEG gostoso -NEG –EST gostoso -NEG -EST REL
–gost – NEG -EST

Não é saboroso.

Quando o operador negativo é excluído o conceito de negação pode ainda ser pressuposto por outros elementos. Há, em Xavante, outras palavras que trazem a negação em sua semântica e que são muito recorrentes na fala cotidiana são, por exemplo, *babadi* ou *róbabadi* (acabou, acabou tudo, não existe mais), *töibö* (fim, terminou) e *õnéhare* (não há, não tem) os quais têm seu uso condicionado a ambientes discursivos específicos na língua.

Os numerais 3 (três), *tsi`ubdatõ*, 5 (cinco), *imrotõ* e 7 (sete), *wawinhi`ubdatõ*, são formados a partir do sufixo *õ*, nesse caso o significado dado corresponde, inicialmente, a preposição sem, ou seja, aqueles que não têm pares, os sem pares. Todos os derivados desses números apresentam esse sufixo incorporado ao número.

Lachnitt (1999:73) apresenta uma lista de palavras adjetivos prototípicos, posto que todos recebem a marca do relacional (REL), e que são sufixadas por *õ*. Seus significados podem ser depreendidos ou a partir de uma oposição aquele sentido sem o morfema de negação, ou por vezes esse morfema marca a ausência de determinada característica. Em (32) apresentamos uma lista de adjetivos sufixados pelo morfema *õ*.

(32)

I-dõ`õ`õ / dado`õ`õ	Imortal, que não morre
I-sadawa`ahu`õ / dazadawa`ahu`õ	Chato, tagarela
I-hirãtitõ / dahirãtitõ	Ajoelhado
I-mari`õ	Pobre, sem terra
I-mro`õ / damro`õ	Solteiro, não unido
I-mrotõ	Sem par, viúvo, cinco
I-sibro`õ / dañibro`õ	Pobre
I-siséb`õ / dañiseb`õ	Sem-vergonha.
I-pahi`õ / dapahi`õ	Corajoso
I-po`re`õ / dapo`re`õ	Desobediente
I-po`repto / dapo`reptõ	Surdo
I-`rãti`i`õ / da`rãti`i`õ	Pagão, sem nome
I-rési`õ / darési`õ	Imóvel, parado

I-robzei`õ	Infeliz, triste
I-`ru`õ	Desobrigado, livre
I-rosõ`õ	Primogênito, geral
I-ti`õ / dati`õ eleito	Não marcado, não
I-sahi`õ / dazahi`õ covarde	Manso, calma
I-séré`õ / dazéré`õ	Calvo, careca
I-simahudo`õ / dasimahudo`õ pontual	Demorado, não
I-simizaze`õ / dañimizaze`õ	Infiel, sem fé
I-simiréme`õ / dañimiréme`õ fiel	Quem não abandon
I-si`rei`õ / dasi`rei`õ parado	Não separado, unid
I-si`re`õ	Cheio, pleno
I-si`utõri`õ / dasi`utõri`õ acaba	Eterno, que não
I-`umro wei`õ	Abundante
I-`u`õ	Sem água, seco
I-`upai`õ / da`upai`õ	Sem defeito, perfeito
I-`uptabi`õ verdadeiro	Casual, não
I-wahu`õ / dawuhu`õ	Não solta consistente
I-wasété wei`õ	Excelente
I-we`õ / dawe`õ	Mau, ruim

Algumas observações finais

Todas as construções na negativa ocorrem nominalizadas e com base na distribuição dos elementos de negação observados nos dados do Xavante, sugerimos que o morfema de negação *õ* tenha um estatuto adverbial, posto que ele pode ter escopo sobre qualquer elemento da oração, no entanto sua ordem não pode ser alterada, ela é fixa, ocorre sempre em posição final de oração, exceto nas orações estativas, que apresentam o aspecto imperfectivo *ééré*, morfema esse que ocorre depois do estativo *di*. No entanto seu alomorfe, o morfema *tõ*, tem seu uso condicionado às construções imperativas e ocorre sozinho sempre sufixado ao verbo e nunca seguido do cópula *di*.

Abreviaturas

1SG.....primeira pessoa do singular

2SG.....segunda pessoa do singular

3SG.....terceira pessoa do singular

EST.....estativo

INTS.....intensificador

POS.....posposição

POSS.....possessivo

REL.....prefixo relacional

NEG.....sufixo de negação

ENF.....enfático

DEM.....demonstrativo

Referências

CHRISTENSEN, K. R. Interfaces. Negation-Syntax-Brain. PhD. Dissertation. Aarhus: Aarhus University. 2005.

HAEGEMAN, L. **The syntax of negation**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

HORN, Laurence. **A Natural History of Negation**. Stanford: CSLI Publication.2001.

LACHNITT, Georg. **Damreme`uwaimramidzé**: estudos sistemáticos e comparativos de Gramática Xavante. 2 Ed. Experimental. Campo Grande:MSMT/UCDB, 1999.

LEWIS, David Maybury. **Akwe-shavante society**. New York: Oxford University Press, 1974.

VIEIRA, Márcia Maria Damaso. **A negação sentencial em línguas da família Tupi-Guarani**. (no Prelo).

OLIVEIRA, Rosana Costa de. **Morfologia e Sintaxe da Língua Xavante**. Doutorado, UFRJ. 2007.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. **Línguas brasileiras**. Para o conhecimento das Línguas Indígenas. São Paulo: Loyola.1986.

SILVA, Aracy Lopes da. **A temática indígena em sala de aula**: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus. Brasília, DF.MEC.1995.

SOARES, Marília Facó. **Negação: Efeitos Sintáticos e Interfaces**. No Prelo.

SOARES, Marília Facó. **Negação e Sintagma Modo em Línguas Pano**. Revista de Estudos da Língua (gem). Vitória da Conquista.V.4, n 2. p. 99-115. 2006.

QUINTINO, Wellington Pedrosa. **Da Categoria Translinguística 'Adjetivo'**: Tipologia Semântica e Orientação Sintática em Xavante. No Prelo.

QUINTINO, Wellington Pedrosa. **Aspectos Preliminares da Fonologia Xavante**. Dissertação, IEL – UNICAMP, 2000.

QUINTINO, Wellington Pedrosa. **Aspectos da Fonologia Xavante**. Nasalidade e Rinoglotofilia. Tese. Programa de Pós-Graduação em Linguística – UFRJ, 2012.